

INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE – IFS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO

ANA BEATRIZ SANTOS ARAGÃO

**ACESSIBILIDADE PARA O TURISMO DE AVENTURA NAS “TRILHAS POÇO
DAS MOÇAS E CALDEIRÃO” NA SERRA DE ITABAIANA/SE**

ARACAJU/SE

2022

ANA BEATRIZ SANTOS ARAGÃO

**ACESSIBILIDADE PARA O TURISMO DE AVENTURA NAS “TRILHAS POÇO
DAS MOÇAS E CALDEIRÃO” NA SERRA DE ITABAIANA/SE**

**Trabalho de Conclusão do Curso
(modalidade Artigo), apresentado para
finalização do TCC 2.**

**Orientador: Prof. Me. José Carlos
Santos Cunha**

ARACAJU/SE

2022

RESUMO

Visando que não há estudos anteriores que lidem com a acessibilidade na Serra de Itabaiana, especificamente nas trilhas Poço das Moças e Caldeirão, esse artigo propõe cooperar na busca da prática de aventura acessível voltada a Serra. Deste modo, o levantamento de dados pela pesquisa qualitativa descritiva empírica, qualificou o Turismo de Aventura Acessível na Serra de Itabaiana como algo a ser melhorado, de forma que abranja tanto o órgão responsável, quanto os visitantes, para que a acessibilidade ocorra de forma sustentável. Permeando pelos conceitos referenciados e pela pesquisa in loco, nota-se as dificuldades presentes, quanto as barreiras, das arquitetônicas às atitudinais. Contudo, há também grande possibilidade de aumento na demanda do Turismo de Aventura Acessível, caso haja a aplicação dos dados levantados. Por fim, delimita-se que após aplicação da pesquisa levantada com uso da tecnologia assistiva, a informação sobre a não aplicação do capacitismo e todas as vias que auxiliem o PcD a realizar um segmento do turismo seguro, a aplicação de acessibilidade no Turismo de Aventura na Serra de Itabaiana torna-se algo viável e importante.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo de Aventura, Turismo Acessível, Serra de Itabaiana.

ABSTRACT

Aiming that there are no previous studies that deal with accessibility in Serra de Itabaiana, specifically in the Poço das Moças and Caldeirão trails, this article proposes to collaborate in the search for the practice of accessible adventure focused on the Serra. In this way, data collection through empirical descriptive qualitative research, qualified the Accessible Adventure Tourism in Serra de Itabaiana as something to be improved, so that it covers both the responsible body and the visitors, so that accessibility occurs in a sustainable way. Permeating through the referenced concepts and the on-site research, it is noted the present difficulties, regarding barriers, from architectural to attitudinal. However, there is also a great possibility of increased demand for Accessible Adventure Tourism, if the collected data are applied. Finally, it is delimited that after the application of the research raised with the use of assistive technology, the information about the non-application of ableism and all the ways that help PcD to carry out a safe tourism segment, the application of accessibility in O Turismo Adventure in Serra de Itabaiana becomes something viable and important

KEY WORDS: Adventure Tourism, Accessible Tourism, Serra de Itabaiana.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho tem foco no Turismo de Aventura, Turismo Acessível e da forma que salienta-se na Serra de Itabaiana. Com isso, se perpassa o objetivo maior de desenvolver a acessibilidade num local de difícil acesso.

Sendo assim, o presente artigo é resultado de uma pesquisa cujo tema geral é: Acessibilidade para o Turismo de Aventura na Serra de Itabaiana/SE. Com isso, detém-se a importância de exemplificar os segmentos do turismo citados no parágrafo acima

O turismo de aventura é o segmento do mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional ao ar livre, envolvendo emoções e riscos controlados e exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, a adoção de procedimentos para garantir segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural (BRASIL, 2005, apud SEMINTUR 2008, p. 2).

Somado a isto, de acordo com Álvares (2005), percebe-se que o turismo de aventura cresce e vem se destacando no Brasil, sendo um dos segmentos que mais evolui, por ser uma atividade relativamente jovem, de modo que surgiu de forma organizada, com o aparecimento dos esportes de aventura apenas na década de 1980.

Desta forma, é notória a necessidade de entendimento de que o turismo precisa funcionar de forma que seja acessível à todos. É visto que, segundo o último Censo IBGE, 45 milhões de pessoas no Brasil são portadoras de alguma necessidade especial. Dessas quarenta e cinco, 32 milhões têm mobilidade reduzida. Atento a esse cenário, é indispensável à promoção do turismo acessível, para que as pessoas com alguma necessidade especial, alcance e utilize os serviços e equipamentos turísticos.

Constituindo-se assim que por se tratar de uma modalidade que une a prática do turismo com as áreas verdes, o turismo de aventura acaba favorecendo o contato com a natureza, causando uma grande carência no público alvo em questão. Porém, é necessário ressaltar que não impede de ser praticado em zonas urbanas, através de elementos construídos, levando em conta a escalada indoor. “A visão do MTur é que o Turismo seja uma via de inclusão, entendendo que o turismo social é uma forma de turismo acessível a todos os cidadãos em seus tempos livres, sem discriminação de acessos de qualquer natureza.” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2015).

Desta forma, a atividade que se desenvolve é uma descrição da Serra de Itabaiana com a análise do local para visar a possibilidade do envolvimento de toda comunidade PcD sem degradação do ambiente. A pesquisa está voltada para análise e busca de soluções, visando o alcance de resultados satisfatórios.

Por meio deste segmento, o artigo se aprofunda no local estudado: a Serra de Itabaiana. A Serra e todo o seu entorno foi transformado como parte do PNSI (Parque Nacional Serra de Itabaiana), ou seja, uma Unidade de Conservação da Natureza que permite visitação pública, criado pelo Decreto s/nº de 15 de junho de 2005.

Tendo em vista que a acessibilidade no turismo é um dos aspectos discutidos na academia como promoção da inclusão social, este trabalho se justifica no sentido de estudar as condições de acessibilidade para o turismo de aventura na Serra de Itabaiana, especificamente, nas trilhas “Poço das Moças e Caldeirão”. Vale ressaltar que a acessibilidade vai muito além dos PcD em cadeira de rodas. A adaptação também faz relação com a mobilidade reduzida, onde estão inclusas as pessoas obesas, gestantes, com limitações definitivas ou temporárias e pessoas idosas, que necessitam de uma melhoria nas estruturas e nos serviços facilitando suas rotinas.

Desse modo, é conveniente que todas as estruturas de lazer e turismo (restaurantes, hotéis, shoppings, teatros e etc.) estejam preparadas para acolher as diferentes necessidades.

Desta forma o turismo é uma atividade que lhes proporciona satisfação e bem-estar na superação do que poderia ser limitador aos PcDs. Por ser uma modalidade que possui uma vasta extensão territorial, é favorável a pratica do tema em pauta, com todas as adaptações necessárias.

De acordo com os estudos pesquisados, entende-se que ainda não há uma cultura inclusiva bem estabelecida no Brasil, mas, percebe-se que as políticas públicas e iniciativa privada buscam estruturar, diversificar e qualificar a oferta turística no país, de forma que, as pessoas com deficiência sejam capacitadas profissionalmente para lidar com outros PcDs.

O presente artigo é resultado de um embasamento teórico pautado na concepção da acessibilidade, cuja pesquisa empírica ocorreu nas trilhas “Poço das Moças e Caldeirão” localizadas na Serra de Itabaiana/SE, dentre um universo de 12 (doze) trilhas presentes no Parque Nacional Serra de Itabaiana, consideradas as mais visitadas.

Assim, para a pesquisa desenvolvida, definiu-se como objetivo geral: -analisar as

condições de infraestrutura de acessibilidade do turismo de aventura na Serra de Itabaiana, especificamente nas trilhas Poço das Moças e Caldeirão. E como objetivos específicos: - caracterizar e localizar a Serra de Itabaiana; -descrever a infraestrutura turística da Serra; - identificar e descrever as principais trilhas; -analisar as condições de acessibilidade das trilhas identificadas.

Para o alcance dos objetivos, definiu-se um percurso metodológico, com vista a consolidação da pesquisa, incluindo levantamento bibliográfico, trabalho de campo, análise de dados coletados em campos e considerações finais, conforme descrito a seguir.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa desenvolvida sobre as condições de acessibilidade no Turismo de Aventura na Serra de Itabaiana, tem abordagem de caráter empírica qualitativa descritiva exploratória. Segundo Triviños (1987), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do problema dentro do seu contexto.

O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do problema como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências. A pesquisa empírica qualitativa descritiva é baseada em comprovar com fatos e fotos sobre o contexto conceitual, oferecendo dados para sistematizar a produção dos conhecimentos teóricos e práticos teoria, adquiridos por meio de experiências vivenciadas nas trilhas estudadas.

Assim, os dados levantados sobre condições, infraestrutura e práticas de acessibilidade do turismo de aventura na Serra de Itabaiana, constituem elementos descritivos capazes de serem analisados qualitativamente através da percepção com a finalidade de alcançar a comprovação dos objetivos definidos.

Mediante a identificação do tipo da pesquisa, foi adotado o método empírico, utilizando-se da percepção a partir da observação, registros fotográficos e descrição dos fatos identificados in loco, permitindo assim uma análise das trilhas e conclusão fundamentada no referencial teórico construído.

Para a caracterização geográfica da Serra de Itabaiana, utilizou-se de referências bibliográficas e documentais, capazes de explicar os aspectos físicos naturais (geologia, relevo, clima, vegetação, hidrografia) na perspectiva da compreensão do ambiente em que se

prática o turismo de aventura na localidade, sendo as principais bibliografias utilizadas: Cunha(1993); ICMBIO. Plano de Manejo Parque Nacional Serra de Itabaiana. Brasília(2016).

Também utilizado, no levantamento de dados, a metodologia de avaliação nas trilhas de aventura apresentado pela FEMERJ(2015) . De acordo com o documento publicado pela referida Federação, as trilhas de aventura são classificadas segundo as suas características biofísicas. Para a pesquisa em apreço, optou-se pelos parâmetros: - de nível de esforço, levando em conta a duração, percurso, desnível, obstáculos e o piso/terreno. Com essas características em prática, as trilhas são classificadas como: leve, leve superior, moderada, moderada superior, pesada, pesada superior, extrapesada e longo curso (na qual se leva vários dias); - sinalizações, acidentes geográficos, vegetação. Este parâmetro é dividido em quatro níveis crescentes: fácil, moderado, difícil e muito difícil.

O nível fácil define-se por trilha bem definida com sinalização (mesmo que pouca), poucas bifurcações e trajeto bem regular. O moderado tem pouca ou nenhuma sinalização, bifurcações mais presentes e leito com trechos marcados. O nível difícil não apresenta nenhuma sinalização, bastantes bifurcações que acaba confundindo o trilheiro, mata fechada ou caminho com pouca ou nenhuma definição, e, neste caso, precisa de alguns acidentes geográficos e, também, navegação com GPS ou outros meios de navegação. E, por fim, o nível mais difícil, onde a trilha fechada com caminho inexistente. Neste caso, a grande maioria das trilhas muito difícil, são montanhas que o acesso é por via de escalada, e requer, também, de navegação com GPS, bússola ou outros.(FEMERJ, 2015)

Para a realização desta etapa baseou-se na concepção de Dencker (2007) que classifica a análise dos dados como sendo o objetivo de reunir as observações de maneira coerente e organizada, de forma que seja possível responder ao problema da pesquisa.

Desta forma foi adotado o procedimento metodológico descritivo para garantir uma análise satisfatória dos dados coletados, de acordo com os interesses da pesquisa. Em geral, a pesquisa descritiva exploratória, na análise dos dados, é onde se coloca a prova afirmações do sentido comum, que constitui um fundamento concreto.

3 RECORTE TEÓRICO

3.1 Considerações sobre Turismo e Acessibilidade

Antes de iniciar a discussão teórica sobre temática acerca do turismo de aventura, faz necessário compreender sobre o que é acessibilidade e acessibilidade no turismo. Isto porque

a proposta deste artigo é analisar as condições de infraestrutura de acessibilidade do turismo de aventura na Serra de Itabaiana.

3.1.1 Acessibilidade

Com base no estudo de Sasaki (2009), sobre a história da acessibilidade, ele faz uma breve descrição partindo dos anos 50 até os anos 90.

Romeu Kazumi Sasaki é profissional em assuntos de pessoas com deficiência desde 1960. Atua como consultor de inclusão nas áreas de educação, trabalho, lazer e etc. É, também, escritor, palestrante e ministrante de cursos.

Partindo do estudo feito pelo escritor, nos anos 50 os profissionais de reabilitação denunciaram a existência de barreiras físicas nos espaços urbanos, edifícios e meios de transporte coletivo que impediam ou dificultavam a locomoção de pessoas com deficiência. O que levou as Universidades americanas a iniciarem a eliminação das barreiras arquitetônicas existentes em seus recintos, já nos anos 60.

Nos anos 70, houve o surgimento do primeiro centro de vida independente (CVI) do mundo em Berkeley, Califórnia, EUA, e de centenas de CVIs impulsionou o exercício da independência (tomada de decisões) e da autonomia (funcionalidade) de pessoas com deficiência. “As pessoas deficientes, qualquer que seja a origem, natureza e gravidade de suas deficiências, têm os mesmos direitos fundamentais que seus concidadãos da mesma idade” (ONU, 1975). É de extrema importância ressaltar que o termo correto é PcD.

Conforme Sasaki (2009) Cave Hill declarou, nos anos 80 que as barreiras que impedem a igualdade de oportunidades devem ser removidas. (Disabled Peoples’ International, 1983). Em 1981, houve o Ano Internacional das Pessoas Deficientes com o lema “Participação Plena e Igualdade”, onde levou pessoas com deficiência a desencadear campanhas mundiais para alertar a sociedade a respeito das barreiras arquitetônicas e exigir não apenas a eliminação delas (através do desenho adaptável) como também a não inserção de barreiras já nos projetos arquitetônicos (através do desenho acessível).

Por fim, nos anos 90, houve o surgimento do conceito de desenho universal (ambientes, meios de transporte e utensílios devem ser projetados para todos), do paradigma da inclusão e da visão de diversidade humana – ampliando o conceito de acessibilidade para abranger dimensões arquitetônicas, comunicacionais, atitudinais etc. De acordo com o documento Normas sobre a Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência(ONU, 1993), relata que o Países-Membros devem iniciar medidas que removam os obstáculos à participação no ambiente físico, com vista à desenvolver padrões e diretrizes e

considerar a promulgação de leis para garantir a acessibilidade a várias áreas da sociedade, de acessos como: moradia, edifícios, serviços de transportes públicos e outros meios de transporte, ruas e outros ambientes externos. (ONU, 1993)

Segundo os estudos realizados sobre a questão a acessibilidade, o século 20 demonstrou que, com inventividade e engenhosidade, é possível estender o acesso a todos os recursos da comunidade - ambientes físicos, sociais e culturais com finalidade de eliminar barreiras ambientais que se interponham à plena inclusão de pessoas na vida cotidiana. (Rehabilitation International, 1999).

Com isso, o conceito de acessibilidade passou por algumas mudanças, onde é definido pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência que a acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (Lei Nº 13.146, 2015).

3.1.2 Turismo e Acessibilidade

Considerando o Turismo como uma prática social, percebe-se a necessidade e importância das condições e práticas de acessibilidade, visto que se trata de uma atividade onde na sua essência é realizada pelas pessoas, desde o deslocamento até as diferentes práticas que as motivaram e que nos ocorrem diferentes destinos turísticos, sejam de eventos, culturais, negócios, aventuras e outros.

Nos dias atuais, a acessibilidade tornou-se uma condição básica para assegurar a inclusão social, além de promover o bem estar das pessoas e do ambiente de forma sustentável.

O Turismo e Acessibilidade uniram-se na definição de turismo inclusivo. O turismo inclusivo é a facilitação ao acesso de pessoas com qualquer tipo de deficiência à visita a locais turísticos como museus, parques, praias, etc. com conforto e segurança.

Segundo o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) feito em parceria com o Ministério da Saúde, em agosto de 2015, revelam que 6,2% da população brasileira tem algum tipo de deficiência. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) considerou quatro tipos de deficiências: auditiva, visual, física e intelectual. Na realidade, são cerca de 45 milhões de Pessoas com Deficiência (PCDs) vivendo o problema da acessibilidade que por

aqui ainda tropeça em diversas dificuldades não somente ligadas ao turismo, mas a todos os setores relacionados à atividade.

Quando se pensa em acessibilidade de um destino turístico, não se deve deixar de lado o atrativo turístico em si, mas também a rede de hospedagem e alimentação, o sistema de transporte, o mobiliário urbano e também banheiros públicos, espaços de lazer, e até mesmo o atendimento adequado proporcionado aos turistas.

Daí chega-se à conclusão de que várias cidades brasileiras não estão preparadas para receber turistas com alguma deficiência por escassez de iniciativas em acessibilidade turística. E quando falamos nisso, falamos também de serviços de baixa qualidade, falta de igualdade nas oportunidades entre os indivíduos e na exclusão de uma parcela da sociedade, inclusive em espaços coletivos e de lazer.

Schwarz e Haber (2009) exemplificam a acessibilidade através de:

[...] um cego que cruza a rua sozinho, porque o semáforo emite um sinal sonoro, avisando-o que pode atravessar, é um cadeirante que pode se locomover por conta própria, numa cidade sem buracos e sem obstáculos, é uma criança surda ter à disposição intérpretes de LIBRAS nas escolas públicas. Enfim, acessibilidade é o pleno direito de ir e vir – e permanecer (SCHWARZ; HABER, 2009, p.308).

São relevantes a comunicação e a inclusão de acessibilidade para o perfil do visitante surdo, de modo que ele usufrua dos benefícios da prática turística, participando integralmente de todas as atividades. Muitas das atividades do dia-a-dia (como fazer o check-in no aeroporto, pedir um táxi, ir ao banco ou a uma consulta médica) são desempenhadas com facilidade por pessoas ouvintes, porém, estas mesmas atividades podem se constituir em grandes desafios para pessoas com deficiência. (BUENO, 1998 apud LOPES, 2017).

Para os sujeitos surdos, a comunicação é considerada a principal barreira, podendo chegar ao ponto de fazê-los sentir-se como um “estrangeiro” em seu próprio país (SKLIAR, 1998) Caso precise de qualquer orientação ou tenha uma dúvida, o indivíduo surdo não tem como pedir uma informação para qualquer pessoa da localidade, visto que sua comunicação é a LIBRAS. Uma ação trivial como essa se torna um desafio para o surdo, em razão das dificuldades de entender e ser entendido pela população que não tem domínio da língua brasileira de sinais (LOPES, 2017).

De acordo com Chaveiro (2005),

Conviver no universo das pessoas com deficiência envolve uma mudança de paradigmas, e, para os surdos, essa mudança ocorre quando são aceitos e respeitados e a LIBRAS possibilita ao surdo a interação social e intelectual, permitindo o acesso ao conhecimento científico e a integração interpessoal (CHAVEIRO, 2005, p. 418).

Dando continuidade nas informações acima, a deficiência motora é a segunda mais relatada pela população brasileira, equivalendo a 7% dos brasileiros. Com base nessa informação e aplicando para o presente estudo, é possível citar o projeto Montanha Para Todos, que trata de levar a locomoção em trilhas para as pessoas com deficiências.

3.2. Turismo de Aventura e Acessibilidade

O Turismo de Aventura é, relativamente, recente no Brasil e isso causa algumas confusões. A modalidade trata da junção da adrenalina e contato com a natureza, onde é possível aventurar-se entre rios, cachoeiras, montanhas e etc, de forma recreativa e não competitiva, com o comportamento que evite, ou minimize, qualquer impacto negativo ao ambiente.

Segundo Pires (2002), foram às viagens dos grandes navegadores europeus dos séculos XV e XVI e suas descobertas, que acabaram despertando em muitas pessoas a motivação pela aventura e o interesse pelas viagens em regiões remotas.

O turismo de aventura, no início dos anos 1980 nada mais era do que o prazer de estar em contato com a natureza. Na década de 80 surgiram as primeiras reflexões sobre o turismo de aventura, em trabalhos de autores que consideravam a experiência turística no meio natural. Na década de 1990 surgiram os primeiros equipamentos de suporte para realização de atividades de aventura aqui no Brasil. (capacetes, caiaques, cordas, entre outros equipamentos). (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010; SOARES, 2007; BUCKLEY E UVINHA, 2011).

Em 1999, foi realizada a primeira feira de turismo de aventura no Brasil, a Adventure Sport Fair, a feira teve importância para o segmento, promovendo a atividade, tornando o segmento conhecido e criando associações pelo Brasil. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010; OLIVEIRA JÚNIOR, 2003; SOARES, 2007).

A Organização Mundial do Turismo (OMT) estima que, 1,2 bilhão de pessoas viajam anualmente a turismo e a acessibilidade é fundamental para se cumprir a premissa de que o turismo é para todos.

A LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. , é instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, Lei 13.146, de 6 de julho de 2015).

O Parque Nacional Serra do Cipó abriga incontáveis quedas d'águas, rios, córregos, montanhas e sítios arqueológicos. O Circuito das Lagoas conta com um terreno plano, e uma rampa facilita o acesso de cadeirantes a um mirante com vista privilegiada. A região da Serra do Cipó ainda é atendida pelo projeto Montanha para Todos, que disponibiliza uma cadeira criada especialmente para os aventureiros com deficiência. O equipamento permite que essas pessoas tenham acesso a trilhas de difícil acesso. (GURGEL, 2016)

O Ministério de Turismo deu início ao site Guia Turismo Acessível. O site colaborativo permite aos internautas a avaliação da acessibilidade de hotéis, restaurantes e atrações diversas. O banco de dados do programa possui cerca de 530 mil estabelecimentos cadastrados. Por tratar-se de um guia que depende da contribuição dos próprios turistas, quanto maior o número de avaliações, mais completo será. Para atender o maior número de turistas, o guia apresenta ainda versões em inglês e espanhol. Além do site, o guia também está disponível em aplicativo para todas as plataformas.

Ao discutir o Turismo Acessível, é importante citar Ricardo Shimosakai. O Bacharel em Turismo, depois de retornar de uma viagem a trabalho em 2001, foi vítima de um sequestro relâmpago, levou um tiro que resultou numa lesão medular que tirou o movimento das pernas.

Ricardo percebeu que para trabalhar no meio turístico e de lazer com foco nas pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, não bastava entender o mínimo, mas sim todas as áreas. Ele foi atleta do paradesporto na modalidade de tênis de mesa adaptado, a partir daí ele conheceu e conviveu com pessoas com diferentes tipos de deficiência.(SHIMOSAKAI, 2015).

3.3 Turismo de Aventura e seus impactos

Consistindo-se em uma perspectiva histórica, há transcrições da ascendência civilizatória que remetem aos primeiros contatos com Turismo de Aventura, não da forma como conhecemos hoje, mas, pode ser considerado o primeiro indício dessa atividade. Segundo Pires (2002), as viagens dos grandes navegadores europeus dos séculos e suas conquistas, foram que estimularam a motivação pela aventura e o

interesse pelas viagens em regiões remotas.

Somado a isto, de acordo com Álvares (2005), percebe-se que o turismo de aventura cresce e vem se destacando no Brasil, de modo que surgiu de forma organizada, com o aparecimento dos esportes de aventura apenas na década de 1980.

Desta forma, nota-se a necessidade de entendimento de que o turismo precisa funcionar como um veículo que ajuda na conservação de ecossistemas, paisagens, valores, tradições e culturas locais e regionais, considerando-os como fatores determinantes para a inserção de grupos e comunidades receptivas em sua cadeia produtiva. Deve-se buscar a manutenção da biodiversidade e a promoção da cultura, a valorização da população, conhecimentos, práticas e valores étnicos, e a preservação das populações tradicionais e sua inserção na economia. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

De acordo com Fonseca (2005), a expansão verificada no turismo nas últimas décadas constata-se que ocorre um acentuado aumento da competitividade entre os destinos.

Segundo (TEIXEIRA E ELTERMANN, 2009), o mercado do turismo de aventura está diretamente ligado ao que é novo e inusitado, e desta forma, a estrutura turística utilizada pelas empresas deve muitas vezes ser adequada ao perfil desta demanda.

Alinha-se essa preocupação, justamente devido aos problemas inerentes aos impactos ambientais ligados ao turismo, que é destacado por Dias (2008).

[...] há muitos aspectos negativos nos impactos do turismo no meio ambiente. Esses impactos surgem, por exemplo, no desenvolvimento da infraestrutura do turismo, num incorreto manejo dos resíduos gerados pela atividade, nas cicatrizes na paisagem geradas pelo crescimento da infraestrutura nas áreas naturais e pelo volume de visitantes que afeta os ecossistemas mais frágeis. (DIAS, 2008, p.78).

Porém, há um crescente na adaptação do Turismo de Aventura às PcDs de forma sustentável. Um exemplo disto é o projeto Trilhas Inclusivas, com o surgimento em Minas Gerais, o projeto oferece diversos roteiros que vão desde o trekking, caminhadas, escaladas, montanhismo, até a observação da fauna e flora e canoagem na região da Serra do Cipó. Há também profissionais de saúde e um condutor especializado durante todo o roteiro, ajudando qualquer um que precise de uma ajuda extra, além do apoio de um impulso maior na cadeira

de rodas em terrenos mais acidentados. Também são disponibilizados lanches durante o trajeto e o transporte da sede Trilhas Inclusivos para a trilha de aventura propriamente dita.

De acordo com Fernandez (2012), para a construção de um desenvolvimento local são necessários à articulação e o envolvimento dos todos os atores sociais envolvidos na atividade, como o governo, os empresários, os visitantes e a comunidade local, construídas numa base ética e valorizando seus patrimônios culturais e ambientais.

3.3.1. Projeto Montanha Para Todos

O Projeto Montanha Para Todos “nasceu” do casal Juliana e Guilherme, que sempre foram apaixonados por trilhas, montanhas e toda viagem que pertencesse à natureza e, assim, visitaram mais de 30 lugares diferentes. Até que Juliana descobriu um câncer de mama e foi descoberto um novo problema de saúde: a degeneração cerebelar paraneoplásica.. Com todos esses problemas surgiu um novo desafio: Juliana não conseguia chegar até as montanhas. Para realizar o desejo da sua esposa, Guilherme fez a promessa de “onde você quiser ir, eu vou te levar”. (PROJETO MONTANHA PARA TODOS, 2020)

Com isso, Guilherme criou a cadeira “Julietti”. Uma cadeira adaptada desenhada especialmente a sua esposa. Mas a cadeira fez tanto sucesso que a Julietti está disponível e acessível para o maior número de pessoas possível. E assim, nasceu o Instituto Montanha para Todos e a empresa Julietti Tecnologia Assistiva.

No site do Instituto Montanha para Todos, é possível acessar a uma tabela onde a cadeira está disponível gratuitamente em 41 cidades diferentes. É possível fazer o empréstimo diretamente com a pessoa responsável naquela cidade e depois fazer a devolução no mesmo local. Os estados disponíveis são: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo, Ceará, Bahia, Roraima, Paraíba São Paulo, Amapá, Tocantins, Pará, Amazonas, Piauí, Alagoas e o Distrito Federal. (PROJETO MONTANHA PARA TODOS, 2020)

Para o estado de Sergipe, ou qualquer outro, no site está disponível a empresa Julietti Tecnologia Assistiva onde é possível adquirir a cadeira Julietti ou um Julietário, que é uma estação que comporta três juliettis. Ou, também, o conjunto com 1 Julietário com 3 cadeiras Juliettis. Abaixo é possível visualizar a cadeira Julietti Standart (figura 01) e as suas funcionalidades.



Fig 01 – Julietti Standart

Fonte: Projeto Montanha para Todos

4. TURISMO DE AVENTURA ACESSÍVEL NA SERRA DE ITABAIANA

5. 4.1. Localização e Caracterização Geográfica da Serra de Itabaiana

A Serra de Itabaiana está localizada entre os municípios de Itabaiana e Areia Branca, possui 659 metros de altitude, e é considerado o segundo ponto mais alto do relevo do estado de Sergipe. A Serra integra o Parque Nacional Serra de Itabaiana (PNSI), o qual possui cerca de 8.024,79 hectares, abrange 12 trilhas para conhecimento da biodiversidade da Mata Atlântica e Caatinga. A maior quantidade de trilhas, maior diversidade de vegetação, maior quantidade de riachos estão localizados, especificamente, na Serra de Itabaiana (figura 02).

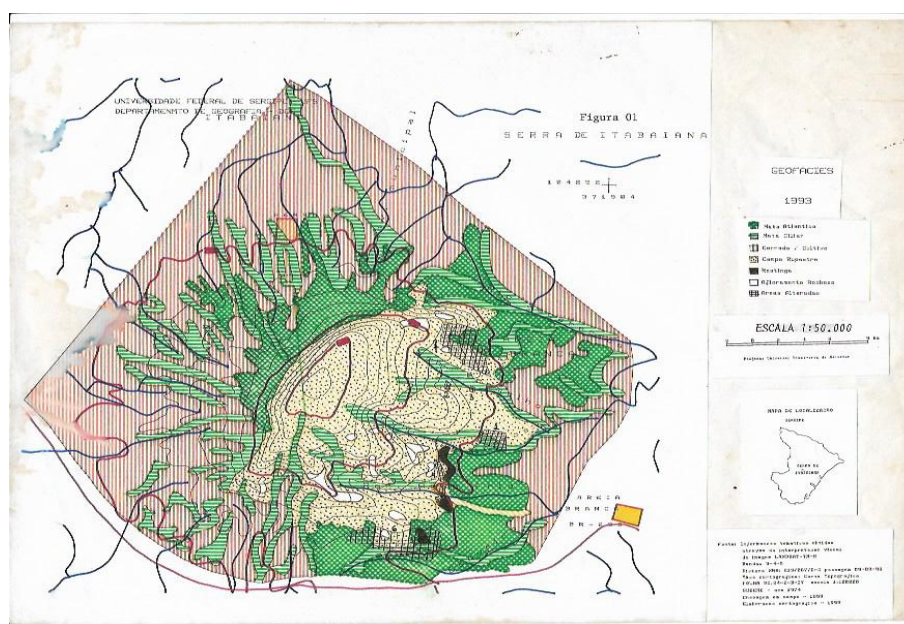


Fig 02 – Serra de Itabaiana

Fonte: Cunha, (1993)

4.1.2. Características físicas naturais

A Caracterização a seguir foi construída com base nos documentos de Plano de Manejo (ICMBIO, 2016) e da monografia de Cunha (1993).

- Geologia

Segundo os documentos básicos citados, a Serra de Itabaiana faz parte do embasamento gnáissico, formado por rochas de origem magmáticas e metamórficas na parte mais elevadas e por rochas de origem sedimentares nas áreas localizadas nos sopé das declividade do relevo. De acordo com Cunha (1993), os estudos referentes a origem geológica da área em estudo, citam que decorre do antigo “domo de Itabaiana”.

De acordo com Ab’Saber (1998) citado por no documento do ICMBIO (2016), o domo de Itabaiana, tem formação pré-cambriana, fazendo parte da Era Eoarqueana, e que ao longo do tempo a erosão foi agindo, deixando apenas os vestígios do antigo teto, em forma circular ou ligeiramente ovalada, representado pelos seus flancos arrasados, tornando-se serras residuais no qual trechos do PNSI estão inseridas.

Nestas condições, a Serra de Itabaiana, representa um relevo-testemunho do antigo domo, constituída por uma cobertura metassedimentar da Formação Itabaiana. (CUNHA, 1993)

- Relevo

Dando o enfoque a Serra de Itabaiana, área essa que foi estudada, é possível notar que a mesma possui relevo acidentado, constituído pelo maciço montanhoso que eleva - se da superfície de aplainamento de mais ou menos 200 m até 670 m de altitude. Sua vertente leste, pertencente ao município de Areia Branca, apresenta inclinação acessível, enquanto que a vertente oeste pertencente ao, município de Itabaiana é quase vertical, sendo o acesso impraticável, (CUNHA, 1993).

São nestas duas porções das Serra de Itabaiana, com estas condições de elevação, que se localizam a maior parte das trilhas praticadas para turismo de aventura.

- Clima

Conforme os documentos bibliográficos básicos estudados, a Serra de Itabaiana situa-se em uma zona de clima de transição para o semi-árido, do estado de Sergipe, mais para seco , definindo-se essa redução de unidade precisamente para fora dos limites da área, na

direção oeste. Segundo Cunha(1993), trata - se de clima megatérmico subúmido, cujas as temperaturas mínimas ocorrem nos meses de junho e julho, sendo que nas baixas altitudes (200 m) o mês mais frio é julho com temperatura de 18,15 C, enquanto que nas altitudes mais elevadas (600 m) o mês mais frio é junho apresentando 14,44 C, apresentando uma amplitude térmica entre os meses de junho e julho de 3,71 C. (CUNHA, 1993).

- Vegetação

A vegetação na Serra de Itabaiana é descrita como conclusão aos aspectos físicos apresentados e abordam variação de formações vegetais considerável, pois concerne de uma área relativamente restrita.

As formações que ocorrem nos limites da Serra de Itabaiana são: Mata Atlântica, Mata Ciliar, Restinga, Cerrado e Campo Rupestre. A vegetação da Mata Atlântica está entre os riachos Coqueiro e Água Fria e em contato com a vegetação do Cerrado. (CUNHA, 1993)

- Hidrografia

O PNSI é rico em nascentes, com mais de cem reconhecidas, e está localizado no divisor de águas das bacias do rio Sergipe, a leste, e a do rio Vaza Barris a oeste, onde 76% da sua rede de drenagem correm para a primeira bacia e 24% para a segunda. Fazendo parte à Bacia do Rio Sergipe estão o rio Cotinguiba e o riacho da Prata, um considerável afluente do primeiro, ambos nascendo na Serra Comprida. O rio Cotinguiba é importante tanto para benefício doméstico como industrial, uma vez que muitas indústrias estão localizadas nos municípios de Laranjeiras e Nossa Senhora do Socorro dependem diretamente dessa fonte. Há também outros mananciais importantes, como o rio Poxim, micro bacia do riacho Coqueiro, o riacho Fontana, riacho Ribeira, rio Taboca, rio das Pedras e riacho do Meio. (CUNHA, 1993)

Na Serra de Itabaiana, também constituída por diversas nascentes e riachos, os mais representativos, localizados ao leste da Serra: Riacho Coqueiro, Riacho Água Fria, Riacho dos Negros e Riacho Vermelho. Os leitos são encachoeirados e de águas rasas.

4.2. Análise das condições de acessibilidade das trilhas Poço das Moças e Caldeirão.

Conforme descrito nos itens anteriores, a Serra de Itabaiana é o ponto mais alto do Estado com aproximadamente 659 m de altitude. Nessa porção natural existe uma diversidade de formações vegetais. Já na porção oeste encontra-se a parte mais elevada da Serra.

As principais vias de acesso da Serra de Itabaiana são divididas em dois locais: Poço

das Moças e Caldeirão. Essas foram as duas trilhas estudadas em campo para a análise da infraestrutura quanto a acessibilidade. Essas trilhas foram às escolhidas, por serem as mais visitadas dentre as 12 trilhas presentes no PNSI.

4.2.1 Trilha Poço das Moças

O Poço das Moças, segundo os moradores da região passaram ao PNSI, que o local recebe esse nome porque caçadores encontraram duas moças encantadas tomando banho e, em seguida, sumiram sem deixar vestígios

Esse primeiro local de acesso encontra-se dentro do PNSI, onde é possível localizar toda uma estrutura realizada para manutenção e conservação do Parque, sendo feita pela ICMBio. Na entrada principal do PNSI, para acesso ao Poço das Moças, é possível ver um alojamento deste Instituto do lado esquerdo da entrada. Há um estacionamento fora do Parque, mas a entrada de carros também é permitida até certo ponto da trilha.

O trajeto onde, só é possível a pé, inicia-se com a dificuldade da passagem da cancela (figura 03). Por não ficar aberta, para que os carros não ultrapassem o limite da Unidade de Conservação, a passagem para o “início” da trilha com queda d’água é totalmente inadequada pra qualquer que seja a deficiência. As estradas (figura 04) são lisas, sem obstáculo algum para circulação, podendo assim qualquer pessoa com mobilidade reduzida ou comprometida, seguir a trilha sem automóvel. A trilha se estende com mata aberta até 1.4 km, a partir desse ponto a trilha começa a ter a mata fechada e esse acesso é percorrido por 500 m até a trilha principal, localizada a esquerda.



Fig 03 – Passagem para trilha a pé
Fonte: Trabalho de campo, 2022.



Fig 04 – Estrada da trilha “Poço das Moças”
Fonte: Trabalho de campo, 2022.

No caminho à trilha principal, há dois riachos no início da trilha, antes de adentrar ao portal que se dá as quedas d’água. O primeiro é o Riacho Água Fria, nesse local é atingido os

limites do município de Areia Branca, onde o transporte pode ser por dentro do riacho, mas também há uma pequena travessa feita em madeira, para a passagem sem contato com a água, a qual serve para passagem dos PcDs (figura 05). Após o primeiro riacho, há uma ladeira íngreme, mas de terra batida e sem obstáculos.



Fig 05 - Passagem pelo Riacho Água Fria
Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Seguindo por esse percurso, a próxima passagem d'água é no Riacho Coqueiro, que dispõe das mesmas funcionalidades do riacho anterior.

Considerando todo esse percurso, é possível atingir uma caminhada de 2.300 m da portaria principal, chegando assim à base de apoio administrativa, onde é permissível a recepção de estudantes e pesquisadores para qualquer tipo de estudo. O local dispõe de estacionamento dentro da sede para os trabalhadores e fora para os visitantes. O estacionamento para turistas e visitantes não é demarcado, mas o local pode chegar a abrigar aproximadamente 50 carros.

Seguindo pelo percurso, o terreno continua alinhado e sem grandes dificuldades para a locomoção, há alguns pedregulhos no caminho, mas nada que vá impedir qualquer locomoção. Após alguns minutos de caminhada, é a chegada a primeira clareira aberta. Nesse local é possível notar que a vegetação foi retirada daquele local para o fácil acesso. O caminho para a chegada ao Poço das Moças segue pelo lado esquerdo.

Não há nenhum tipo de sinalização nessa parte do percurso. No ano que a pesquisa foi iniciada, 2020, não era possível saber por qual caminho seguir se não fosse perguntado antes. Atualmente, há “fitas” de TNT amarradas por todo o percurso, o que causa mais tranquilidade

para quem pretende ir sem guia local, mesmo não sendo o recomendado.

Para acessar o Poço das Moças (figura 06), o caminho percorre por mais alguns minutos chegando no local desejado. Para quem deseja ficar na parte debaixo, onde foi o local limite onde a pesquisa foi feita, o caminho é de acessibilidade mediana, podendo reparar alguns pontos, principalmente a falta de pontos táteis. A parte de mais difícil acesso é para quem deseja continuar a trilha acima do Poço das Moças. A subida de pedregulhos (figuras 7), que passa sobre a queda d'água, segue para o Riacho dos Negros, Via-sacra e finalizando nas Piçarreiras.



Fig 6 – Poço das Moças
Fonte: Trabalho de campo, 2022.



Fig 7 – Subida de pedregulhos
Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Por fim, todo o percurso da trilha do Poço das Moças, quanto a definição de classificação de trilhas pela FEMERJ (2015), é de fácil acesso. Onde há trilha é bem definida e com sinalização, mesmo que pouca. Há poucas bifurcações e, no geral, é um trajeto bem regular.

4.2.2 Sobre a Trilha Caldeirão

O Caldeirão é a trilha mais visitada da Serra de Itabaiana e um ponto de banho tradicional na região, onde abrange as cachoeiras, riachos e a passagem se dão por algumas propriedades particulares. É uma região que apresenta grande potencial a ser explorado, com atrativos ainda desconhecidos para a maioria das pessoas. A trilha se estende por 8 km, e toda a medida deste caminho percorrido foi feito pelo “Smartwatch B57 Relógio Inteligente Hero Band 3 Fitness” .

A entrada para a trilha do Caldeirão inicia na BR-235, onde há uma placa sinalizando “Chácara Dona Valdira” é exatamente uma das porções que ficam estacionados ônibus, e alguns carros, de grupos que desejam visitar o Parque. A outra porção utilizada como estacionamento segue por um caminho de estrada carroçável. A partir desse ponto, há somente a possibilidade de seguir a trilha sem automóveis.

A trilha inicia com uma bifurcação, onde para atingir o topo da Serra, deve seguir pelo lado esquerdo. Ao atingir 530 m de trilha, a mata ao redor (figura 8) começa a interromper a passagem e visão. O percurso fica mais visível quando atinge 700 m, mas começa a ficar pedregoso, o que dificulta a passagem dos PcDs.



Fig 8 – Vegetação interrompendo visão

Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Dando continuidade a trilha do Caldeirão, chega a segunda bifurcação em 750 m, onde o caminho deve ser seguido pelo lado direito. No percurso há algumas erosões (figura 9) na terra que se estendem por quase todo itinerário, o que faz-se necessário o investimento em cobertura dessas superfícies, para que todos os turistas percorram o caminho com facilidade. A mata começa a fechar-se com 830 m de trilha, o que faz o turista não se desgastar quanto ao Sol.



Fig 9– Erosões

Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Com 890 m percorrido, há um declive onde chega a primeira passagem de água e, após esse local, a mata abre-se novamente com 910 m. A passagem pelas propriedades particulares finaliza-se com 1.1 km de trilha. Chegando aos 1.2 km, com a mata fechada novamente, é visto mais erosões nesses locais onde dificulta todos os tipos de turistas. Após essa passagem há uma ascensão e declínio, onde resulta em erosões e pedregulhos.

A erosão seguinte torna a passagem impraticável, atualmente, para os turistas sem nenhuma dificuldade, o que torna o turista que necessita da acessibilidade a passagem quase impossível, onde o assentamento de terra também faz-se necessário nesse local. A subida para o local onde, geralmente, turistas acampam para aproveitar a Serra com 1.4 km, é repleto de pedregulhos e pedras grandes, onde faz-se necessário uma revitalização ou recorte de terra para evitar o assoreamento destas terras. O local de acampamento é proibido e não regulamentado pela Serra é limpo e sem dificuldade para passagem.

Após o local que os turistas acampam ilegalmente, há uma subida para a chegada à primeira cachoeira (figura 11), subida essa repleta de pedras e galhos o que é totalmente inviável para os deficientes visuais. O que se faz necessário algumas cordas amarradas por todo o percurso para, com a ajuda do guia, a subida para o PcD visual e de mobilidade reduzida seja mais prática. O PcD em cadeira de rodas pode fazer essa passagem, como toda a trilha, com a cadeira Julietti. Após esse aclave, é chegada a Cachoeira das Três Quedas (figura 11).



Fig 10: subida para a primeira cachoeira
Fonte: Trabalho de campo, 2022.

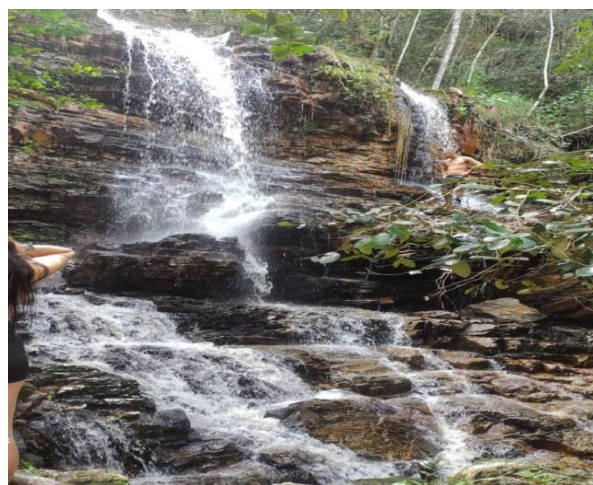


Fig 11: Cascata elevada
Fonte: Trabalho de campo, 2022.

A chegada à primeira cachoeira, é com 1.45 km. A Cachoeira das Três Quedas é uma cascata em dois níveis, com caminho pedregoso coberto por limo em alguns locais. A cascata

elevada é acessada por toda trilha citada anteriormente e mede, aproximadamente, 15 m, recaindo em poço escrupuloso, que daí formam-se outras duas cascatas laterais, que encerram em um poço raso, instaurando o nível rasteiro. Essa segunda porção tem difícil acesso, pelo fato de não haver caminho para trilha e os visitantes precisam descer apoiando-se nas raízes, por um caminho com inclinação acima de 100%. Para que toda a trilha seja aproveitada, pode-se instaurar um banco com escada onde o turista deficiente pudesse descer e subir sem dificuldade maior do que já é possibilitado.

Seguindo o percurso da trilha, há uma subida repleta de pedras, o que causa deslize no local e, faz-se necessário neste e em toda a trilha a instalação de cordas fixas para ajuda no caminho. Chegando ao topo dessa subida, com 1.6 km, há uma grande erosão onde o traslado dos deficientes torna-se ainda mais difícil.

Após 40 m de erosão, há o percurso de água que banha a cachoeira abaixo, onde para continuar o caminho, é necessário que passe por cima deste local. Em seguida, há uma subida por pedras, também soltas, que torna o caminho dificultoso, mas batendo 1.8 km, as pedras menores não existem mais, mas as pedras maiores permanecem, o que não há melhora no percurso, onde, sem o ajuste acessível desse terreno, nem a cadeira Julietti tem utilidade neste trecho. O que seria necessário o assentamento de terra e as cordas neste trecho.

Logo a seguir, com aproximadamente 230 m de distância da primeira cachoeira, ao atingir 2 km, chega-se a segunda cachoeira, também conhecida como Véu de Noiva. A Cachoeira Véu de Noiva (figura 12), com cerca de 4 metros, ela cai em um barramento, formando um poço de, aproximadamente, 8 metros. A passagem de saída da Cachoeira Véu de Noiva para o restante do caminho, é também feita por meio da água e de início com pedra. Seu caminho íngreme e dificultoso, surge a ideia da pesquisadora de um bondinho, onde ajudaria o deficiente a subir até certo ponto que a dificuldade comprometa a locomoção total, como no presente local. Dando continuidade, é chegada a outra passagem d'água com 2.1 km. O terreno segue sendo tortuoso e inacessível para os PcDs, com o assoreamento e pedras tão presentes (figura 13).

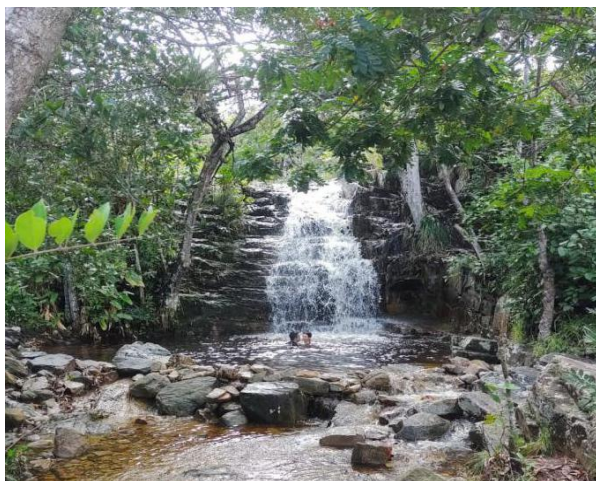


Fig 12: Cachoeira Veu de Noiva
Fonte: Trabalho de campo, 2022.



Fig 14: Assoreamento e pedras
Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Chegando a 2.4 km, as pedras não são tão mais presentes e há diminuição na dificuldade do traslado. Logo a frente, há um declínio irregular o que dificulta a passagem, podendo ser instalados cordas em todo local e assentamento de terra. Esse declínio dá acesso a outra passagem de riacho.

O caminho continua percorrendo por caminho íngreme e pedregoso, onde por um momento há necessidade de subida e descida logo após, onde a possibilidade de acontecer com os PcDs é intrigante. Após a descida, bate-se 3.1 km dando para uma outra bifurcação, onde o segmento deve ser feito pelo lado direito. Onde, após 300 m, dá-se a outra subida de terreno pedregoso.

À frente, há mais uma bifurcação que também segue pela direita, com algumas dificuldades que serão demonstradas em fotos abaixo. Chegando, assim, a última cachoeira, a Cachoeira do Caldeirão.

A Cachoeira do Caldeirão (figura 15), com 3.5 km percorridos, é a última cachoeira dessa porção de trilha. Essa cachoeira é utilizada para alguns tipos de esportes realizados pelas agências que preparam as excursões. Alguns dos esportes vistos, nos dias de visita à Serra de Itabaiana, foram o rapel e a escalada. A continuação para chegada ao topo dessa trilha faz-se a mais difícil em todo o percurso. Essa locomoção é feita por pedras e raízes de árvores (figura 16), onde não é nem seguro, nem acessível. A forma que ajudaria aos PcDs motor a seguir trilha seria um banco de subida, batendo assim 3.6 km.

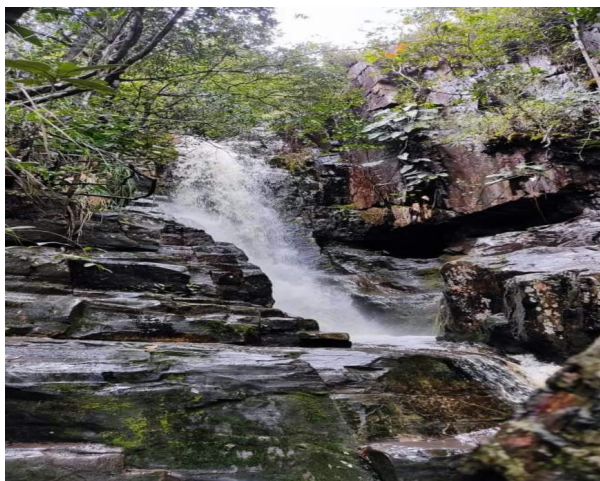


Fig 15: Cachoeira do Caldeirão
Fonte: Trabalho de campo, 2022.



Fig 16: Passagem por raízes e pedras
Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Com isso, a trilha continua por pedras e, com 300 metros, é chegado ao primeiro terreno liso. Esse local, é feito de parada de almoço para os visitantes, onde pode-se também descansar para a finalização mais a frente da trilha. Seguindo caminho, é chegada ao ponto mais alto da Serra de Itabaiana.

Ao caminho para descer da Serra também é difícil e pedregoso por todo o percurso, onde em alguns momentos é necessário que seja feito o caminho sentado.

Por fim, a subida em trilha na Serra de Itabaiana é finalizada e é percorrida por mais 2.3 km até a chegada ao ponto dos carros novamente. Quanto a definição de classificação de trilhas pela FEMERJ (2015), todo o percurso de trilha é de difícil acesso, pois não há nenhuma sinalização regulamentada, há bastantes bifurcações e, também, alguns acidentes geográficos. Onde impossibilita o traslado das pessoas com deficiências e se faz necessário a aplicação da acessibilidade. Faz-se necessário, também, instalar sinalizações, onde seja possível visualizar os nomes das cachoeiras e todo o percurso.

Para uma representação resumida da classificação de acessibilidades, das trilhas estudadas, segue o quadro abaixo.

TRILHA	CLASSIFICAÇÃO DE ACESSIBILIDADE	
	Nível de esforço	Sinalizações, acidentes geográficos, vegetação
Poço das Moças	FÁCIL- trilha com trajeto liso e bem estruturado em grande parte.	MODERADO- quanto as sinalizações, não há uma frequência. Onde há lugares que há e lugares que não.

Caldeirão	DIFÍCIL- trilha íngreme e com caminho pedregoso em todo trajeto.	CRÍTICO- algumas porções da trilha não consegue-se decifrar se está no caminho correto, por falta de sinalização. Também ocorre quanto aos acidentes geográficos, que se faz presente em todo trajeto.
-----------	--	--

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Turismo Acessível abrange que os locais turísticos, serviços turísticos, e etc, sejam acessíveis, independente de que forma as limitações estejam presentes. A visão do MTur é que o Turismo seja uma via de inclusão, entendendo que o turismo social é uma forma de turismo acessível a todos os cidadãos em seus tempos livres, sem discriminação de acessos de qualquer natureza. (Programa Turismo Acessível, 2022)

O turismo acessível é o turismo para todos, um turismo sem barreiras, o que traz uma grande discussão quando se remete a Serra de Itabaiana, pois a mesma não participa da inclusão no Manejo. O que seria de grande valia, pois tornaria não somente o local como um Turismo de Aventura, mas também o Turismo Inclusivo.

De acordo com todo o levantamento de dados e as pesquisas realizadas na Serra de Itabaiana, enquanto pressupostos para a ação da Acessibilidade, é possível apresentar os pontos que podem ser melhorados . Entre estas conclusões, é notória a necessidade de um zoneamento e cuidado nas duas entradas principais para as trilhas, não somente a que leva ao Poço das Moças.

O reconhecimento da Serra de Itabaiana pode ser avaliado em não acessível, principalmente na entrada do Caldeirão, onde as cachoeiras são de grande porte. Quanto a trilha pelo Poço das Moças é notória a necessidade de uma Cadeira Julietti de posse do município de Itabaiana, onde fosse possível que se estabelecesse diretamente na Serra. Há também a necessidade de fiscalização e monitoramento, quanto ao Caldeirão, já que é uma das porções mais visitadas. Com isso, a capacitação das pessoas para que não haja o capacitismo e, também, os equipamentos de tecnologia assistiva.

Com isso, podem ser agregadas outras atividades, que só se faria possível com o estudo in loco direto com o município e o Ministério de Turismo. Atividades complementares nas duas trilhas já citadas. Na trilha do Caldeirão, além do assentamento das terras, a

sinalização e zoneamento do local, podem ser dispostos de um bondinho acessível, com paradas nas cachoeiras, onde todas as pessoas com deficiência pudessem aproveitar o local em todo o tempo necessário. Seria de suma importância que, as trilhas Poço das Moças e Caldeirão, houvesse a adição de placas de sinalização do local, onde fosse possível a demonstração do espaço e a direção para qual seguir, placas essas que seriam, também, descrita em braile.

Por fim, todo esse desenvolvimento e inclusão no local atrairiam mais visitantes e turistas dispostos a desenvolver ainda mais o turismo acessível, o que geraria um grande avanço em Sergipe, com o foco ainda maior no nosso Turismo de Aventura Acessível, o qual é tão escasso atualmente.

6 REFERENCIAS

ALMEIDA, Deyse O. **Turismo de Aventura** Disponível em: <file:///C:/Users/aluno/Downloads/DEYSE_OLIVEIRA_DE_ALMEIDA_TURISMO_DE_AVENTURA__enclaves_benesses_e_oportunid.pdf> Acesso em: 01 de abril de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais de acessibilidade na educação superior e a avaliação in loco do sistema nacional de avaliação da educação superior (SINAES)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: <http://www.ampesc.org.br/_arquivos/download/1382550379.pdf>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm> Acesso: 03 de maio 2021.

CUNHA, José Carlos Santos. **SERRA DE ITABAIANA: Potencial Biogeográfico e Perspectivas para Preservação e Conservação**. Aracaju, 1993.

FEMERJ, 2015: FEMERJ. **Metodologia de Classificação de Trilhas**. Rio de Janeiro, 2015.

GURGEL, Geraldo. **Turismo acessível: por um Brasil para todos**. Disponível em <<https://embarquenaviagem.com/2016/10/25/turismo-acessivel-por-um-brasil-para-todos/>>. Acesso em: 26 de abril 2021.

ICMBIO. **Plano de Manejo Parque Nacional Serra de Itabaiana**. Brasília, jul de 2016.

Julietti. Disponível em: <<https://loja.montanhaparatodos.com.br/>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2021.

LAPA, Daniela Lisboa. **Educação Ambiental e Envolvimento Comunitário: Pressupostos Básicos para a Prática do Ecoturismo no Parque Nacional Serra de Itabaiana.** Aracaju, 2007.

LEMOS, Leandro de. **Turismo: Que negócio é esse?: Uma análise da economia do turismo.** São Paulo: Papirus, 2001.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini. **Turismo, Lazer e Natureza.** São Paulo: Manoele, 2003.

Métodos de Abordagem e de Procedimentos. Disponível em: <<https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Livros%20de%20Metodologia/M%C3%A9todos%20de%20abordagem%20e%20de%20procedimentos.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2021

MinistériodoTurismo.**TurismoAcessível.**Disponívelem:<<http://www.turismo.gov.br/assuntos/5054-turismo-acessivel.html>> Acesso em: 01 de abril de 2019.

Ministério do Turismo. **Estudo do Perfil de Turistas – Pessoas com Deficiência.** Disponível em:<http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Estudo_de_dem_turistas_pessoas_com_def_DocCompleto_12.2013.pdf> Acesso em: 01 de abril de 2019

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **METODOLOGIA CIENTÍFICA: um manual para a realização de pesquisas em administração.** Goiás, 2011.

SANTIAGO, Amanda. **Como é a acessibilidade no turismo do Brasil e ao redor do mundo.** Disponível: <<https://quantocustaviajar.com/blog/como-e-a-acessibilidade-no-turismo-do-brasil-e-ao-redor-do-mundo/>> Acesso em: 09 de junho de 2022.

SANTOS, Pereira. **Especial 23 anos do choque do avião na serra de Itabaiana.** Disponível em: <https://itnet.com.br/2004/12/30/especial-23-anos-do-choque-do-aviao-na-serra-de-itabaiana/>> Acesso: 12 de agosto de 2021

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação.** Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SCIELO. **Procedimentos metodológicos para a elaboração de projetos de pesquisa relacionados a dissertações de mestrado em Ciências Contábeis.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-70772004000300006>

Acesso em: 20 de maio de 2019

SHIMOSAKAI, Ricardo. **Turismo é para todos. Acessibilidade e inclusão também.** Disponível em <<https://www.ricardoshimosakai.com.br/turismo-e-para-todos/>> Acesso em 18 de fevereiro de 2021.

Unidades de Conservação no Brasil. **Parque Nacional Serra de Itabaiana.** Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/2334>> Acesso em: 09 de junho de 2022.

VASCONCELOS, Fabrício Peixoto; SILVA, Alan Curcino; COSTA, Luciana Ferreira da. Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR. **Turismo de Aventura e Ecoturismo: entre práticas e normas no contexto brasileiro.** Penedo, vol. 2, n. 2, p. 108-138, jul./dez. 2012

STOODI. **Acessibilidade no Brasil.** Disponível em: <<https://www.stoodi.com.br/correcao-de-redacao/enem/temas/acessibilidade-no-brasil/#:~:text=Acessibilidade%20%C3%A9%20um%20cego%20que,cidade%20sem%20buracos%20nem%20obst%C3%A1culos>> Acesso: 09 de junho de 2022

LOPES, Kleber Henrique Cavalcanti. **Turismo: O surdo e a viagem.** Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18052/1/2017_KleberHenriqueLopes_tcc.pdf> Acesso: 12 de junho de 2022

LIMA, Angela Neves Bulbol de. **Princípios Influenciadores para Estratégias Sustentáveis de Ecoturismo.** Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/4569/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Angela%20Neves%20Bulbol%20de%20Lima.pdf>>. Acesso: 15 de junho de 2022.

LISTA DE SIGLAS

PNSI – Parque Nacional Serra de Itabaiana

RBMA - Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

CVI - Centro de Vida Independente

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNS - Pesquisa Nacional de Saúde

PCDs - Pessoas com Deficiências

OMT - Organização Mundial do Turismo

ONU - Organização das Nações Unidas